E-1E
EDUCANDO

ANO I NUM. 9

EDUCANDO

Revista

SOB OS AUSPÍCIOS
DA ASSOCIAÇÃO
DOS
PROFESSORES PRIMÁRIOS
DE
MINAS GERAIS

FEVEREIRO - 1941

EDUCANDO

Sob os auspícios da ASSOCIAÇÃO DOS PROFESSORES PRIMÁRIOS DE M. GERAIS

ANO I | DEZEMBRO | NUM. 9

EXPEDIENTE

Direção:
Marieta Leite
Redação:
Maria L. Almeida Cunha
Leticia Chaves Campos
Dulcie Kanitz Viana
Gerência:
Zembla Soares de Pinheiro Chagas
Colaboradores diversos

Revista de orientação técnico-pedagógica

Assinatura - - - - - - 24$000
Assinatura especial para sócios da Associação - - - - - 18$000
Número avulso - - 2$500

Redação:
Rua Rio de Janeiro, 1278
Tel. 2-7993 — C. Postal, 354
BELO HORIZONTE

ARQUIVO PÚBLICO MINEIRO
N.º 527
Data 22-11-78
BIBLIOTECA

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO - - - - - - - - - - - pag. 1
HOMENAGEM - - - - - - - - - - - - - " 2
RELIGIÃO — *O livro dos Macabeus* Maria Luiza Almeida Cunha - - - " 3
QUESTÕES DE PORTUGUÊS — *Ortoepia de alguns nomes próprios* — J. Lourenço de Oliveira " 5
O SISTEMA DAS CLASSES HOMOGENEAS E SUAS VANTAGENS — Maria Angélica de Castro - - " 7
EM TORNO DA "REUNIÃO DE PROFESSORAS" — Colaboração do Instituto Pestalozzi - - - - - - " 9
NOSSA PRÁTICA — *Exercícios escolares e sua correção. Sugestões para iniciação do ano escolar* — Leonilda S. Montandon " 11
NORDESTE — *poesia* — Nóbrega de Siqueira - - - - - - - - - - - - - " 15
O ENSINO DA ARITMÉTICA EM NOSSAS ESCOLAS — Dulcie Kanitz Viana - - - - - - - - - - - - " 16
TRECHOS DE UM RELATÓRIO — Zarina Moret Teles - - - - - - - - - " 18
BIBLIOTECA INFANTIL — Cordélia Queiroga - - - - - - - - - - - - - " 20
A CULTURA DA CANA NO NORDESTE — Gilberto Freire — Transcrição - - - - - - - - - - - - - " 21
HISTÓRIA PARA TODOS — Marieta Leite - - - - - - - - - - - - - - " 27
PECADILHOS - - - - - - - - - - - - - " 28
GRANDE CONCURSO PERMANENTE DE "EDUCANDO" - - - " 29
SOB A INSPIRAÇÃO DE "EDUCANDO" - - - - - - - - - - - - - - " 30
BALANÇO ANUAL DA REVISTA " 31
LIVROS NOVOS - - - - - - - - - - - - " 32

INICIA-SE O ANO DE 1941.

NO OUTRO, NO QUE JA' SE FOI, "EDUCANDO" SURGIU PARA A VIDA, CONGREGANDO EN TÔRNO DE UNA VELHA E JUSTIFICADA ASPIRAÇÃO UM PUNHADO DE GENTE DE BOA VONTADE.

SERIA DE MAIS DECLARAR QUE SO' POR ISSO, SO' PELO APARECIMENTO DE "EDUCANDO", O ANO DE 1940 PODE SER MARCADO COMO UM ANO FELIZ NO CALENDÁRIO PEDAGÓGICO DE MINAS GERAIS

PARECE-NOS QUE NÃO. AS CARTAS QUE DIARIAMENTE RECEBEMOS, VINDAS DE TODOS OS RECANTOS DO ESTADO, SAÍDAS DAS MÃOS DOS QUE ENSINAM A POBRES E A RICOS, A PEQUENINOS E A ADOLESCENTES, A GENTES DAS CIDADES, DOS CAMPOS E DOS SERTÕES, ESTÃO A DIZER-NOS QUE O APARECIMENTO DE NOSSA REVISTA MARCOU COM TRAÇO DE OURO, NA FOLHINHA DA ATIVIDADE PEDAGÓGICA MINEIRA, O ANO DE 1940.

NÃO QUE ESSAS CARTAS NOS VENHAM SEMPRE PEJADAS DE ELOGIOS. ESTES, POIS O QUE SABEMOS SINCEROS, AMENIZAM O NOSSO LABOR E INCENTIVAM O NOSSO ESFÔRÇO. MAS E' MUITAS VEZES LA' ONDE ÊLES NÃO EXISTEM QUE BUSCAMOS O VERDADEIRO VALOR QUE "EDUCANDO" REPRESENTA PARA O PROFESSORADO: SÃO AS PALAVRAS AGRADECIDAS, SÃO OS RELATOS DE TRABALHOS ESCOLARES, SÃO AS SÚPLICAS F PEDIDOS DIVERSOS, SÃO, PRINCIPALMENTE, OS RECLAMOS "URGENTES" DOS NÚMEROS EXTRAVIADOS...

TUDO ISTO NOS FAZ VER QUE "EDUCANDO" INCORPOROU-SE DEFINITIVAMENTE Á VIDA ESCOLAR DE NOSSO ESTADO E TRAZ PARA NÓS MAIS RESPONSABILIDADE DO QUE ORGULHO.

NÃO NOS INTIMIDA, NO ENTANTO, ESSA RESPONSABILIDADE. AJUDADOS POR ÊSSE MESMO PROFESSORADO A QUEM TEMOS CONCIÊNCIA DE SERVIR, LEVAREMOS PARA A FRENTE A NOSSA QUERIDA REVISTA.

O 1940 FOI-NOS RICO EM EXPERIÊNCIA, EM ESTÍMULO E EM ENTUSIASMO.

O 1941 TRAZ-NOS DOIS GRANDES E INCLUSIVOS PROJETOS:

— O PRIMEIRO, MANTER "EDUCANDO". MANTÊ-LA CUSTE O QUE CUSTAR, COM O DESPRENDIMENTO DEDICADO DE NOSSOS COLABORADORES, COM O AUXÍLIO DE NOSSOS ANUNCIANTES, COM A DIGNIDADE DE NOSSOS ASSINANTES, COM A SIMPATIA DE TODOS OS QUE VIVEM NA ESPERA EDUCACIONAL BRASILEIRA;

— O SEGUNDO, A CONQUISTA DO *MELHOR*. TORNAR A NOSSA REVISTA CADA VEZ MAIS DENTRO DE SUA MISSÃO, GUIANDO, AMPARANDO, ESTIMULANDO, AUXILIANDO SEMPRE E SEMPRE, EIS O ALVO DE NOSSOS ESFORÇOS PARA O ANO QUE SE INICIA.

SÃO DOIS GRANDES PROJETOS QUE FAZEM UM PROGRAMA DE VIDA — A VIDA DOS QUE TRABALHAM CONOSCO.

COM ÊSTE PROGRAMA, CONCORREREMOS COM A NOSSA PARCELA PARA A CONQUISTA DA GRANDE FELICIDADE QUE HA' DE CERCAR, DURANTE O ANO DE 1941, A TODO O PROFESSORADO MINEIRO E AOS NOSSOS ASSINANTES DE TODO O BRASIL.

Governador Benedito Valadares

EDUCANDO acompanha de perto toda a classe do professorado mineiro, procurando auxiliá-la em suas dificuldades, acalentá-la em seus desânimos e viver largamente com ela as horas de júbilo e de esperança.

Por isto, a nossa página de hoje é festiva. Cobre-se com os tons da alegria mais sincera, para festejar os atos que o sr. Governador Benedito Valadares acaba de assinar e que vem beneficiar um grande número de professoras primárias que exercem sua atividade na Capital do Estado.

Êste ato do sr. Governador que beneficia diretamente mais de duzentas professoras tem alta e importante significação para a classe: representa, de um lado, o início da organização da carreira do professor primário mineiro, organização cuja falta era causa de frequentes distúrbios na atividade educacional de nossos grupos escolares; por outro lado, patenteia o interêsse que S. Excia. dispensa à causa do ensino, dando-nos a certeza de que tudo o que fôr de justiça e de melhoria para a tarefa educacional em que Minas se empenha, terá o apôio e a simpatia de nosso Govêrno.

A atitude de S. Excia. que hoje registamos, todos nós estamos certos, foi uma atitude inicial de proteção e justiça. Congratulando-se com todas as professoras beneficiadas, EDUCANDO presta sua homenagem ao sr. Governador Benedito Valadares.

RELIGIÃO

O livro dos Macabeus

Maria Luiza Almeida CUNHA

Etimologia — Segundo a opinião mais corrente e verossimil a palavra "macabeu" deriva diretamente de um substantivo hebraico que quer dizer "martelo".

Os Judeus deram a Judas (claro que não se trata aqui do Iscariotes), êste apelido glorioso "Macabeu" por causa da bravura com que lutou pela independência do seu povo.

Este apelido que a principio só se referia a Judas, estendeu-se em seguida aos demais membros da família, depois de um modo mais geral ainda, foi aplicado a todos os judeus que desafiaram os mártires durante a perseguição de Antioca Epifânio e finalmente aplicado aos 2 livros que contam a história dolorosa dos Judeus quando, livres do cativeiro de Babilônia, se empenham denodadamente em reorganizar a Pátria profanada por estrangeiros.

Conteúdo — O 1.º livro dos Macabeus narra a luta corajosa que os Judeus sustentaram contra vários reis da Siria pela defesa da liberdade religiosa e política, dirigidos por Matatias e seus 3 filhos: Judas, Simão e Jônatas.

O outro, depois de uma breve introdução em que se refere às conquistas de Alexandre Magno, passa sem transição para o reino de Antioco Epifânio...

Faz então passar sob o olhar do leitor os atentados sacrílegos dêste príncipe contra o templo, os crimes na Cidade Santa, na Judéia toda, e a reação do povo judeu contra o tirano odioso.

O autor se detem depois em narrar minunciosamente os combates, vitórias e os atos adminstrativos de Judas Macabeu, de Jonatas, de Simão.

Conclue mencionando brevemente que João Hircano sucedeu ao pai: — Simão.

Este 1.º livro do Macabeus é dividido em 4 secções.

O segundo livro não é a continuação do 1.º como geralmente se supõe.

O 2.º livro retoma uma série considerável de fatos contidos no primeiro, relatando-os entretanto de maneira muito independente, enriquecendo-os de numerosos detalhes.

A 1.ª parte é uma coletânea de documentos que começa com 2 cartas que os Judeus da Palestina escreveram aos correligionários do Egito Convidando-os a celebrar a festa instituida em lembrança da purificação do Templo.

A 2.ª parte difere muito da precedente quanto à forma; contém um longo resumo da obra de Jason de Cirene sôbre a história dos Macabeus.

Autores — Ignoramos até hoje quais sejam os autores dêstes dois livros. O autor do 2.º diz textualmente que resume a obra de Jason de Cirenaico — mas ignoramos também quem é êste Jason.

Pode-se entretanto afirmar que ambos eram evidentemente Judeus, e muito patriotas.

Canonicidade — Os livros que a Igreja reconhece como inspirados chamam-se "Canônicos" e veem a ser todas as obras mencionadas no canône ou regra do Concílio de Trento.

Comquanto os dois livros dos Macabeus não se encontrem na Bíblia hebraica, foram sempre considerados como fazendo parte dos livros inspirados — Mas, como a autoridade dêstes livros foi objeto de debates, só posteriormente foram incluidos na lista oficial. São por isto chamados deuterocanônicos.

Não são os únicos, na espécie; há

outros escritos em condições idênticas: por exemplo: A epístola aos Hebreus a epístola de S. Tiago o Apacalipse e outros.

Os protestantes rejeitam a canonicidade dos livros dos Macabeus.

Entretanto são muito numerosos e antigos os testemunhos de escritores que os aceitaram sempre como inspirados. O historiador Josefo deu-lhes grande aprêço enserindo mesmo vários trechos dêsses livros em sua narrativa.

Estilo — E' interessante assinalar o tom religioso de cada um dêstes dois livros.

O israelita que compoz o 1.º livro era sem dúvida um homem de piedade ardente, dedicado à Lei, e ao culto sagrado vibrando de horror, contra as infâmias de Antioco Epifânio e dos Sírios — Sente-se que o autor crê na Providencia que dirige os acontecimentos humanos.

Entretanto o estilo é contido, conciso, sóbrio, sem expansões de piedade...

O autor do segundo livro contrasta vivamente com o do primeiro.

Êste (o autor do 2.º livro) gosta de manifestar suas impressões mais íntimas. "O lado religioso da história é continuamente focalizado", e a cada passo a autor repete que Deus castiga severamente a impiedade e a blasfêmia; ensina a eficácia da oração. Argumenta que Deus permite o sofrimento dos bons para purificá-los cada vez mais; e que as maiores torturas desta vida são largamente compensadas com a glória da resurreição!

Sente-se que o autor do 2.º livro dos Macabeus tem sincero entusiasmo pelo Templo de Jerusalem, pelo culto do Senhor!

Estas diversas particularidades dos dois autores se prendem fundamentalmente ao objetivo visado por cada um dêles.

O primeiro só teve em mira narrar a história dos Macabeus. O segundo se propõe tirar dos feitos heroicos, exemplo e insentivos para os leitores na prática da religião, no respeito profundo aos desígnios insondáveis de Deus.

A Caixa Econômica Federal de M. Gerais será a sua melhor garantia, si você souber que a economia é fator de independência!

Seja previdente, guardando nela suas economias, em defesa de uma situação proveitosa para você mesmo.

3, 4, 5, e 6°/o ao ano, capitalizados semestralmente, é quanto pode render o capital que você depositar na

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS!

Questões de Português

J. Lourenço de OLIVEIRA

Ortoepia de alguns nomes próprios

Já dizia o Soares Barbosa que um êrro de sintaxe pode nascer da inadvertência, mas um êrro de pronunciação ou de ortografia é sempre efeito da má educação.

Uma das provas mais alarmantes da má educação que se leva, hoje em dia, da escola, é a frequência da silabada, ou êrro de pronunciação, entre pessoas da classe letrada. A ruina grave dos estudos de humanidades explica esta vergonha da cultura geral que é ouvir pessoa em universidade pronunciar **LisisTRAto, AristoFAnes, AnDRÔnico, LÚculo, Épiro, DodeCÁneso, Âncara, Salônica** e quejandas barbaridades.

Na degeneração de nossa língua, cada vez menos aprendida e cada vez mais maltratada pela influência estrangeira, o capítulo nomes próprios mereceria especial estudo, pelos sofrimentos que a ignorância moderna lhes tem imposto à forma e sobretudo à ortoepia (boa pronúncia).

Antigamente, a fôrça do latim e o refôrço do grego não só permitiam o conhecimento comum de algumas dúzias dêsses nomes obrigados da história, da geografia e da mitologia, como também lastreavam o ouvido com uma espécie de intuição fonética divinatória das formas da língua ou portadora da premunição que leva à consulta.

No curso de Verglio ou Tito Lívio, de Homero ou Tucídides, ia o jovem acostumando-se com aquele mundo greco-romano que depois se lhe podia abrir numa familiaridade profunda quanto lho quisesse a curiosidade e o gôsto.

Nos dias que correm, é possível encontrar barcharéis em humanidades que metem Vergilio na literatura grega, e Homero entre os paradigmas do latim clássico.

O mal já atingiu camada profunda de nossa vida escolar de sorte que me está parecendo trabalho para Hércules purgar, desta ignorância e vício acumulados, a mocidade brasileira. E' quase limpar os estábulos de Augias. **Augiae cloacas purgare**...

Entre nós, dos silabistas contumazes, o mais perverso e nocivo é, por sem dúvida, o locutor-de-rádio, que semeia na complacente onda heriziana, accessíveis a todo ouvido, cauto e incauto, as cincadas fatais do seu vezo de deturpar prosódias, aleijar palavras, imaginar pronúncias.

Infelizmente, obter exceções é difícil: em Belo Horizonte, no Rio ou em São Paulo, o comum é serem cincadistas os locutores.

Não me canso de prevenir contra êles meus alunos, aconselhando-os que sempre confiram com a dos dicionários e a dos doutos, a pronúncia que ouçam pelo rádio.

A guerra na Europa veio ensejar a circulação de um grande número de nomes próprios e, com êles, uma guerra — a guerra dos locutores à ortoepia.

Por exemplo, desde a luta intestina espanhola que estamos cansados de ouvir pronunciar paraxitônicamente — GIBRALtar — a palavra GibraLTAR, que é oxítona. A culpa é do inglês que, tomando o rochedo à Espanha, lhe deturpou o nome e nos impinge esta deturpação, através de brasileiros que, ouvindo-a no rádio estranjeiro, se esquecem de que a palavra é peninsular, ibérica, portuguesa. Se o inglêz a deforma, é desafôro muito grande nós o imitarmos.

Por último, a guerra dos gregos tem dado ocasião a grave bombardeio de nomes familiares a quem tenha feito um honesto curso de letras. Locutores solecistas tenho ouvido, por aí, que dizem **Épiro** e Dodecáneso, quando lêem os paroxítonos vulgares EpIro e DodecaNEso. Um dêles, não pouco célebre no seu horror à ortoepia, chegou ao máximo esfôrço de pronunciar TÁranto, quando lia o nome TaRANto.

Prometendo essa guerra vulgarizar alguns nomes que nos relembram os bons tempos em que estudávamos Grécia e Roma, berços da civilização, imaginei organizar um leve dicionário de nomes próprios com que retrescasse um pouco a memória do leitor. A tarefa, porém, era maior do que a minha pressa. Daí a razão de, não falhando inteiramente, me ter limitado a uma resenha de nomes, dos mais comuns, com a pronúncia indicada.

Os nomes de origem latina ou grega teem uma prosódia etimológicamente determinada. Como as outras palavras eruditas, neles a quantidade ou acento atende a esta determinação etimológica. Em pessoa de boa educação, é nota que desabona, o desconhecimento da tônica de tais palavras.

Feita à pressa, aqui vai a resenha. Um dicionário enciclopédico satisfará à curiosidade pelo sentido dos vocábulos.

A — AcadEmo, Agamênnon, Anaxágoras, Anaxímenes, AndronIco, AristobUlo, Aristófanes, ArquebUlo, Auglas, Averróis (ou Averroes, latinamente), AncIra ou AncAra, AntioqUla...

B — Bálcãs, Batávia (os habitantes são batAvos).

C — Calístenes, Calístrato, CambIses, CatUlo, CleobUlo, CleopAtra, Creúsa, Cíbele, Cárpatos, CorcIra, CitEra, CeltibEro...

E — E'dipo, Epédocles, E'olo, EpictEto, E'rato, E'squilo, E'squines, Espártaco, EubUlo, Êutiques, Éfeso, EpIro...

G — Górgonas, Gibraltar...

H — Hécuba, HeliogábaIo, HeracIIto (desusado), Heródoto...

I — Ícaro, IbEro...

L — Láquesis, Lâmpsaco, Lápita, Longímano, LucUlo, Lisístrato, Lisistrata, Ládoga, Lêucade, Lípari...

M — MausOlo, Mégacles, Mégara, MegEra, Mérope, MitridAtes, MIcala, MadagascAr, MartinIca, Milêto, Módena...

N — Nasica, Némesis, Neoptólemo, Níobe, Numídia (númida), NicomedIa...

O — Ônfale, Oceânia (OceanIa)...

P — Palêmon, PalinUro, PandOra, Páris, Pátroclo, Pégaso, Penélope, Praxiteles, Prosérpina, PactOlo, PeloponEso...

S — SardanapAlo, SalonIca...

T — Taígeto, Terpsícore, DeodUlo, TibUlo, Tânagra, Tênedo, TessalonIca...

X — Xenófanes, Xangai...

LABORATO'RIO VE'RITAS

QUÍMICA E MICROSCOPIA CLINICA

Drs. Almeida Cunha - E. e Souza e Silva - Juvenal de Mello Senra.
Professores da Universidade de Minas Gerais

Rua Rio de Janeiro, 634 e 646 — Junto á Praça 7

Tel. 2-3333 — Caixa Postal, — 199

BELO HORIZONTE

Concede abatimento especial ás associadas da Ass. dos Prof. Primários de Minas Gerais

O Sistêma das Classes homogeneas e suas vantagens

Maria Angélica de CASTRO

..Agir é tender para um fim. Chega-se a êste fim, por caminhos diversos. Entretanto, há-os os mais curtos, mais amplos, enfim os que facilitam a jornada. Em pedagogia, o caminho seguido é denominado **método.** E, sem método, é impossivel atingir-se o fim objetivado.

..Compreende-se por método toda a organisação que se dá ao trabalho escolar — composição das classes, arranjo do ambiente, seleção do material didático, preparo das lições, desenvolvimento das aulas, etc.

..Não se sabe qual dêstes pontos seja o mais importante para o bom rendimento do ensino. Articulados inteligentemente concorrerão, sem duvida, para maior eficiência desta grande agência social que é a escola.

Realmente, que adianta compor classe satendendo ás diferenças individuais, se o ambiente em que vão funcionar não favorece o desenvolvimento das atividades? Ao contrário, que adiantam salas espaçosas e arejadas, bem mobiliadas e ornamentadas, se no contigente de alunos que as frequentam, se misturam elementos dispares pela idade, adiantamento, nivel intelectual? Permita-se ainda a objeção de que os pontos dos objetivos pedagógicos, mas de pouca influência em relação ao mestre, motor que é de todo o aparelhamento educacional.

Consideradas assim as diferentes facetas do trabalho escolar, infere-se que tudo deve ser ajustado de modo a assegurar os resultados finais.

Todavia, há medidas que escapam ás possibilidades e muitas vezes aos recursos administrativos. Referimo-nos ás medidas de ordem material. Não se pode dizer, igualmente, das que são de ordem técnica, aplicáveis com vantagem para o trabalho do mestre, o desenvolvimento do educando e o progresso social, e com um minimo de dispêndios financeiros. Dentre estas medidas a homogenização das classes se nos apresenta como pedra fundamental da bôa construção escolar.

Há cêrca de um década, vmos expermentando o regime das classes seletvas nas escolas de Minas.

Antes, não se tinha preocupação em conhecer o aluno principiante para dar-lhe na escola um lugar conveniente. Não se preocupava também em conhecer as condições dos antigos alunos, seus progressos e fracassos, valores e deficiências, para agrupá-los e tratá-los, segundo as necessidades.

Era a ordem da matricula ou a ordem alfabética o critério seguido para a composição das classe ou, então, a estatura dos alunos ou, ainda, as preferências dos pais po resta ou aquela professora ou desta por crianças de determinadas familias.

Excepcionalmente se tentava fazer uma seleção mais racional — separavam-se os mais velhos dos mais novos ou os mais adiantados dos mais atrazados. Não se adotavam, entretanto, processos que revelassem os recursos latentes de cada qual, para se lhe exigir tributo que correspondesse aos dons recebidos, conforme preceitua o Divino Mestre na parábola dos talentos.

Por isso mesmo, no setor escolar, a colheita conseguida nem sempre compensava as energias gastas pelo professor e os recursos despendidos pelo erário público.

O sistema das classes seletivas, tendo-se em vista a idade, o tempo que o aluno já tem de escola, o adiantamento alcançado e, ainda, o gráu de inteligência, veiu não só facilitar o desenvolvimento do trabalho peda-

gógico, como aumentar o rendimento da empresa escolar e, consequentemente, baixar o custo do educando.

E' o que se depreende compulsando os dados coligidos pelo órgão técnico da Secretaria da Educação, sôbre os resultados escolares obtidos nos cursos primários de Belo Horizonte. Ligeira inspecção aos quadros estatísticos publicados em um número especial da "Revista do Ensino" revela que as médias de alunos por classe se eleva pouco a pouco e, pari-passu com essas médias, se elevam também as percentagens de aprovações. Para demonstrá-lo tomemos apenas alguns dos dados relativos ás classes do 1.º ano.

Anos letivos	1934	1935	1936	1937	1938	1939
Matriculados	5485	6616	6872	6824	6611	7203
Número de classes	178	206	207	199	195	208
Médias de alunos por classe	30	32	33	34	34	35
Alunos testados no fim do ano	4850	5775	6073	6215	5790	6486
Alunos promovidos	1489	2449	2697	3065	3255	3677
%	30,7	42,4	44,4	49,2	56,2	56,6

Considerando-se que no total dos promovidos cresce, anualmente, a parcela dos alunos novatos, conforme se verifica pelas quotas abaixo, a conclusão que se tira é a de que, com homogeneização das classes, decresce o número dos repetentes, fato escolar de grande valor econômico-social.

	1934	1935	1936	1937	1938	1939
Total dos novatos testados	2033	2501	2566	2760	2555	2814
Total dos novatos promovidos pelos testes	546	782	852	1002	1067	1291
%	26	31	33	36,3	41,7	45,8

E' certo que o progresso alcançado nos cursos primários da Capital Mineira não póde ser atribuido apenas à homogenização das classes. Outros fatores teêm concorrido para elevar a messe escolar. Mas, é fato incontestável: as professoras, trabalhando com crianças que se nivelam, pelo gráu de inteligência e de aprendizagem, conseguem mais facilmente manter-lhes o interêsse, a atenção, a disciplina, sem o que não há possibilidade para aquisição de conhecimentos, formação de bons hábitos e de boas atitudes.

Casa da Lente
(Antiga Lutz Ferrando)
Especialidade em ótica – Fotografia - Instrumentos Cirúrgicos
Produtos químicos - Material de Laboratório, etc.
Rua da Baia, 978 - Tel. 2-3413
BELO HORIZONTE

Em torno da "Reunião de Professoras"

Colaboração do Instituto Pestalozzi

As reuniões do corpo docente nas Escolas primárias de Minas, estipuladas pelo regulamento em vigor, completam de maneira eficiente o trabalho escolar.

Toda novidade que se queira introduzir, todo processo novo a experimentar, como tudo qua a experiência manda substiuir, corrigir, aperfeiçoar, tudo isto passa geralmente pelo crivo da "Reunião de professoras". Discutem-se os problemas, elaboram-se os planos de estudos, preparando-se o terreno para a prática. A tarefa do mestre torna-se assim mais clara e conciente.

Boas reuniões teem ainda a vantagem de aproximar os membros de um estabelecimento, creando nêles o "espírito de corpo". Os indivíduos esparsos formam assim uma coletividade unida e dinâmica, pronta a assumir responsabilidades maiores e tarefas mais difíceis.

São raras entretanto estas "boas reuniões". Raras porque a arte de discutir e pensar juntos é uma arte complexa e sutil .Exige longo treino, e uma direção hábil e firme. Nas escolas superiores os programas reservam a esta arte de pensar em voz alta e perante a coletividade ativa um horário especial. Os "trabalhos de seminário" nas Universidades são precisamente espécie de "viveiros" em que germinam idéias, frutificando o pensamento lógico, socializado.

Há tempos o dr. Lourenço Filho organizou uma série de instruções para orientar a discussão dos alunos da Escola de Professores, no Rio. A sua análise penetrante mostra bem como esta luta verbal é passivel de êrros e defeitos, e como a atitude da "crítica metódica" ou construtiva, única admissivel, é facilmnte sôbrepujada pelas duas outras atitudes, viciadas.

Uma delas é a atitude "opiniática", em que o indivíduo é um obstinado. .Não quer ouvir; se ouve, não escuta; se escuta, não se convence, muito embora os argumentos contrários sejam claros e irrespondíveis". A outra é de indiferença. "Com parceiros nessa atitude o debate não se engaja. Não querem lutar... Querem ficar bem; são preguiçosos ou comodistas. "Muitas vezes não falam porque tão tímidos e orgulhosos. Receiam a critica dos outros.

E o sentimento de inferiodade recalca a energia. Frequentemente, numa reunião de 10-15 profesoras só duas ou tres se exteriorizam, embora tenham bastante experiência para dar uma opinião valiosa, a maioria delas.

Notando esta falha e lamentando que as reuniões do Instiuto Pestalozzi não fossem tão proveitosas como podiam ser, embora o corpo docente esteja lá cuidadosamente escolhido e ainda porque reina entre todas as professoras uma harmonia invejável, resolvemos, de comum acordo com a sua dígna diretora d. Ester Assunção, tentar um expediente, capaz de estimular a participação de cada uma.

Sugerimos intercalar, na reunião, de expressão verbal, "um quarto de hora" de expressão por escrito. Distribuem-se papel e lapis e um problema a resolver. Para a primeira destas reuniões mixtas, propuzemos um assunto que desde muito nos preocupava: o da educação dos alunos no Instituto Pestalozzi. Antes de dar-lhe uma orientação definida e mais eficiente, achamos, d. Ester e eu, que seria conveniente passar em revista o trabalho realizado e os processos em uso, em cada classe, assim como a opinião de cada uma das professoras a respeito da palavra "educação". Pedimos-lhes esquecer todas as definições acadêmicas. Pedimos-lhes deixar em paz Platão, Dewey, Kant, Durkheim, Montessori, Decroly... Pedimos-lhes, ao contrário, refletir num pedaço de papel a **"sua, propria opinião"** aquela que não é um conhecimento técnico e sim um saber familiar, decantado pela experiência pessoal. Como toda novidade,

esta nossa proposta provocou um ligeiro "choque", algumas tentaram protestar, mas extenuando-se uma só, então bem gripada, todas iniciaram o trabalho com bastante bôa vontade. Todas nós, inclusive a diretora e aquela que redige estas linhas, concentramo-nos sôbre o assunto e mergulhamo-nos numa atmosfera de intensa atividade. O silêncio de cêrca de uma meia hora nunca nos pareceu tão proveitoso como então, quando cada uma de nós, visando o melhoramento da obra educativa desde 1935, procurávamos contribuir da maneira mais sincera e eficiente.

Eis aí a contribuição de uma das participantes. A opinião valiosa de D. Cora Faria Duarte. Sem nenhum retoque, tal como nos foi entregue no fim de trinta minutos, mais ou menos, reproduzimo-la ntegralmente, mostrando como pode ser valiosa a colheita de dados pedagógicos, feita ao improviso, numa reunião comum de professoras.

"Qual o programa de educação que tenho desenvolvido com meus alunos, neste nosso Instituto Pestalozzi?

O homem não vale pelo que sabe, mas pelo que é. Assim pensando, não tem sido a minha maior preocupação "vencer o programa" com os meninos.

Eles estão, até, em grande atraso no programa. De conduta muito mais dificil — no conjunto — do que os alunos do sanos anteriores — tenho custado, muito mais, obter o interesse dêles para o estudo.

E' sabido que o interêsse traz esfôrço, mas os nossos meninos não deixam de fazer um pouco de exceção nisto.

Lembro-me de que, com as turmas anteriores, por esta época, os meninos já se achavam muito mais interessados pelo estudo do que os de hoje. De modo que, se eu visasse, antes de tudo, a aprendizagem, já estaria bem descontente com os resultados. Entretanto, êles podem não vencer o programa, mas sair daqui meninos diferentes, com outra compreensão de seus deveres, com atitudes modificadas, com alguma compreensão do que "estamos aqui para fazer". E é este meu objetivo. — Desejo principalmente. influir no espírito dêles de tal modo. que êste tempo da infância estas poucas horas que passam conosco, sejam de confortadora lembrança, para o futuro sirvam para êles na hora do mal protegendo-os se por acaso um dia se virem em semelhante situação.

Que conheçam, os meus meninos, o que é o bem, o que é o gôsto pelo trabalho, o que é o confôrto da conciência que sempre, com reta intenção procura fazer todas as coisas. — Que conheçam a consolação de ser útil a seus semelhantes, amigos de seus amigos e abnegados para com os desafetos.

Meus alunos teem dificuldades diferentes. — Uns são provocadores, agressivos e, talvez, maus. Outros se julgam superiores e se isolam de seus companheiros, dizendo mesmo, que não se sentam perto dêste ou daquele. — Tenho alguns muito sociáveis, mas enquanto a sociedade favorece o brinquedo, as artes, as estrepolias. Outros inteligentes, mas agitadissimos, como o E., por exemplo, que não pode estar um minuto — não exagero — sem que a atenção esteja voltada para provocar um ou outro colega. São quase todos egoistas, intolerantes, vingativos.

Há muito trabalho, pois, a fazer. E, felizmente, estão ainda no 3.º ano, e posso contar com êles mais um ano.

Tenho fé no estudo para corrigir os alunos. Tenho fé nêste ambiente do Instituto. Tenho esperanças na compensação da dedicação que dispensamos a êles.

Mas espero muito mais que meus alunos se reformem pelo conhecimento de Deus, pelo amôr a Deus, pelo fito na vida eterna.

Quanto ao "jeito" de educar — minha conciência diz que faço pelos meus alunos o que faria para um filho, porque, para mim, a professora é mais do que tudo — mãe das crianças que lhe são entregues.

30-IX-940.

A opinião de D. Cora dispensa comentários. Ela é clara, sem ambiguidade. Apenas na próxima reunião procuraremos realçar as idéias de cada professora para extrair delas o essencial afim de que a nossa "pesquisa coletiva" servisse, de fato, de fundamento para o melhoramento da obra pestalozziana.

NOSSA PRÁTICA

SUMÁRIO:
Exercícios escolares e sua correção.
Sugestões para iniciação do ano escolar.

Leonilda S. MONTANDON

Exercícios escolares e sua correção

Um fator de grande importância no ensino da Língua Pátria nas classes primárias é a correção dos trabalhos escritos dos alunos. Entretanto, considerada tarefa penosa e aborrecida por numerosos professores, é realizada de modo rotineiro e deficiente, sem nenhum valor para o desenvolvimento da linguagem escrita de seus alunos que continua defeituosa e errada.

Queixam-se muitos professores da inutilidade de seus esforços apezar de multiplicarem os exercícios e muitas vezes as punições... E cada vez mais vai aumentando a sua aversão por tal gênero de trabalho, que seria de bom grado posto de lado, se não fossem as exigências dos pais, simplesmente porque faz parte da rotina escolar. Como não podem se libertar dessa tarefa defendem-se dando exercícios que não exigem nem esfôrço, nem atenção e nem tempo... Veem as provas mensais e as composições revelam um desenvolvimento insignificante com os mesmos êrros de sempre.

Para auxiliar o professor, aliviando-lhe a "tristeza" e o "desanimo" que a vista de 40 ou mais cadernos a corrigir lhe provoca, perturbando-lhe as horas de descanso, daremos algumas sugestões que a prática nos tem aconselhado e que teem sido experimentadas com êxito.

Primeiramente vejamos alguns princípios que devem presidir a apresentação dos exercícios afim de se garantir um trabalho mais eficiente

Um êrro de muitos professores é não darem ao seu trabalho um objetivo definido e seguro.

Se êles se habituassem a essas indagações que devem dirigir todas as suas atividades: "Para que vou dar isso?" Para que vou pedir tal trabalho?", evitariam perda de tempo, cansaço e insucesso.

Ao objetivo seguir-se-á a motivação: "Haverá razão para êsse trabalho?" "Que motivo alegarei para que meus alunos se interessem nesse trabalho?" E, assim, guiado por um plano bem definido não sentirá as dificuldades e nem os desânimos tão comuns ao trabalho mal orientado.

No ensino da língua, porém, não bastam somente o objetivo e a motivação; torna-se necessário, também, uma boa apresentação. Saber evocar idéias, despertar o desejo de escrever, guiar o pensamento, eis o segrêdo da composição.

Uma composição sôbre assuntos que desconhece, sôbre os quais nenhuma experiência tem, é atentar contra a sua inteligência e conduzí-la ao fracasso.

Na apresentação de qualquer trabalho de composição atenda o professor os seguintes critérios:

I — **A escolha do assunto** que deve estar dentro das experiências e idade das crianças, provocando-lhe a observação, a imaginação e o raciocínio.

II — **Discussão** — O material ou tema escolhido deve ser amplamente discutido afim de provocar associações corretas, aumentar o vocabulário e guiar o pensamento. "A expressão depende da impressão". Se a criança não tem uma impressão exata do assunto, nada terá a exprimir, dai as frases sem nexo, vazias e erradas.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

III — **Correção** — que deve obedecer às leis do exercício e da satisfação.

A correção implica duas fases importantes:

a) a correção pela professora;

b) a críica e correção em classe.

Primeira fase — Está sobejamente provado que o primeiro trabalho de correção deve ser feito pela professora na tranquilidade de seu gabinete. O processo de se corrigir o trabalho durante a aula sem uma analise prévia por parte do mestre oferece vários inconvenientes. Entre outros podemos apontar:

a) não desperta interêsse e nem estímulo

b) torna-se moroso e mal conduzido

c) favorece a indisciplina

d) não permite ao professor o estudo e correção dos erros para melhor corrigi-los.

Não menos inconveniente é o processo de se mandar os próprios alunos corrigirem os trabalhos uns dos outros ou fazê-los corrigir pelos mais adiantados. Falta-lhes competência e capacidade de julgamento, para apontar os êrros, dando margem a reclamações, desordem e até brigas.

Corrija o próprio professor os "deveres" de seus alunos, mediante uma técnica previamente estabelecida que lhe facilite o trabalho e o torne objetivo tanto quanto possível.

O sistema que alguns professores teem de corrigir todos os erros, emendando-os, acrescentando os elementos que faltm às frases, substiuindo-as muitas vezes por outras é, não só muito demorado, como também não deixa que a criança tenha conciência do êrro cometido e se esforce para corrigí-lo.

Um processo mais rápido e eficaz que a prática nos tem aconselhado e que se baseia em opiniões de abalizados autores, como Collard, é o seguinte:

1.º Marque o professor os êrros, assinalando-os de modo diferente conforme sua natureza, devendo a significação de cada sinal ser conhecido dos alunos.

Assim, por exemplo: os erros de ortografia serão marcados com um traço sob a palavra; os erros de gramática com um V; as sentenças mal organizadas, sem sentido, serão separadas por traços verticais.

2.º Registre em um caderno os erros de acôrdo com sua natureza e frequência, verificando, quais as dificuldades da classe em ortografia; expressões erradas mais comuns, erros de concordância e de sintaxe; defeitos de pontuação, etc.

Segunda fase — Terminada essa primeira etapa da correção vem a segunda que consiste na crítica do trabalho sendo focalizados os erros mais comuns a todo a classe, com explicações oportunas que motivem novos exercicios. E' essa parte a mais importante do trabalho. Distribuidos os cadernos, os alunos, guiados pelos sinais, cuja significação conhecem, refazem o exercício, (composição, carta, descrição etc.) auxiliados individualmente pela professora quando não souberem descobrir ou corrigir o êrro assinalado. Em geral os alunos se interessam vivamente pelo que êles chamam de "descoberta dos erros" e todos se empenham em refazer seu trabalho do modo mais completo.

Na crítica deve o professor salientar os pontos de cada composição afim de manter o interêsse e o estímulo. Elogiará, por exemplo, o vocabulário, as expressões bonitas de uma; salientará, em outra, as sentenças bem organizadas e, assim, provocando uma crítica construtiva, animando uns e aconselhando outros, levará os alunos a gostarem de escrever e a se esforçarem por melhorar suas composições. Em uma classe de 4.º ano os alunos depois que ficaram conhecendo o critério de correção da pro-

DR. LUCAS M. MACHADO

Ginecologia-Obstetrícia

Rua São Paulo, 692 - Telef. 2-1697

fessora faziam suas composições com mais cuidado, analizando as sentenças, consultando sôbre a grafia de certas palavras, evitando erros grosseiros de gramática que a pouca atenção em geral acarreta, atingindo em pouco tempo um desenvolvimento marcante em Língua Pátria e o melhor, uma atitude de análise em face dos exercícios determinados.

Entretanto, para o êxito dêsse processo, não se apresse o professor nesse trabalho de crítica e análise que há-de fornecer oportunidades ótimas para um ensino mais aproveitável e lógico com resultados mais rápidos e seguros.

Sugestões para iniciação do ano escolar

Para maior garantia e facilidade do trabalho escolar, necessário se torna ao mestre, bem principiar a sua tarefa. A disciplina, os bons hábitos, a rapidez de reação, a aprendizagem enfim, dependem grandemente da organização do trabalho, no iníciio do ano. "Começar bem, para acabar melhor".

A preocupação de todo mestre que se interessa realmente pelo sucesso da classe que lhe foi confida, não deve ser unicamente a de esgotar o programa ,mas sobretudo de criar em seus alunos uma atitude, um comportamento que os levem a reagir vantajosa e suavemente ao regime de trabalho aos métodos de ensino e a tantas outras situações que a vida escolar, dia a dia, lhes apresenta.

O mês de fevereiro tem sido sempre de desorganização e fadigas, habituando mal os alunos e comprometendo, quem sabe, o trabalho de todo um ano!

Para evitar tantos inconvenientes deve o professor executar no mês de fevereiro, com interêsse e energia, planos que tenham por objetivo:

I — Preparação do ambiente escolar;

II — Formação de bons hábitos, higiêne, ordem, espírito de organização, exatidão, pontualidade, obediência, bondade, polidez, cooperação, etc. etc.

III — Desenvolvimento da observação, atenção, memória, poder de reação, etc. etc.

SUGESTÕES PARA A PRA'TICA DESTE PLANO

I — Ambiente escolar. Faça o mestre com que as crianças colaborem na preparação do ambiente escolar, guiando-as e despertando-lhes o gosto estético. Promova depois concursos das salas preparadas, deixando-se livre o julgamento dos alunos.

Prepare as crianças previamente, para esse julgamento, fazendo-as ver que a beleza e a harmonia não se encontram no acúmulo de enfeites, bibelots, almofadas. Num grupo, vi tirar o primeiro lugar uma das salas em que o exagêro dos adôrnos banira o bom gosto. Tropeçava-se em almofadas, bonecas e flores de papel nas carteiras, nos armários; enfim, o grotesco por toda parte.

Guie a professora os seus alunos, para que saibam apreciar a boa disposição dos moveis, dos quadros, fazendo resaltar a simplicidade, a limpeza e harmonia que devem existir no ambiente escolar.

II — Organização do material escolar da classe e de cada aluno:

a) Cadernos encapados com as folhas numeradas, o nome do aluno, da professora e da matéria a que se destinam;

b) livros encapados, trazendo o nome do aluno;

c) lápis e tinteiros marcados com o seu número de ordem;

d) confecção de saquinhos para a merenda que deverá ser acompanhada de guardanapo;

e) exigência do copo e lenço;

f) todas as crianças (principalmente de primiero ano) devem ter uma caixinha para guardar o seu material para jogos;

g) ensinar as crianças a conhecerem o uso e valor do material didático contido na sala de aula, para que

aprendam a respeitá-lo e a poupá-lo ao seu natural instinto de destruição.

III — Formação de bons hábitos. Não é somente por meio de conselhos e histórias que se criam nas crianças os bons hábitos. Devem ser exercitados diária e oportunamente para que produzam resultados positivos e duradouros. Uma vez iniciados e observados êles promoverão na escola uma disciplina perfeita, suavisando o trabalho do mestre e influindo poderosamente na aprendizagem.

O asseio deve ser objéto de constante cuidado do professor. Fazer com que diariamente as crianças observem e pratiquem o asseio para: a) consigo mesmas (asseio do corpo, cabeça, unhas, roupa, uso do lenço, do copo etc. etc.); b) respeitem e cuidem do asseio da classe o do estabelecimento: não cuspir no assoalho, não atirar papel ao chão, não derramar tinta, não rabiscar as paredes e carteiras, etc., etc.

Crie-se em cada classe um corpo de fiscais ou auxiliares da higiêne, os quais serão substiuidos semanalmente por outro, afim de que todos participem dessa tarefa. Póde-se estabelecer premios para as turmas que mais se distinguirem pelo seu zêlo, vigilância e eficiência. Isso será dispensável, quando houver em cada grupo um "Pelotão de Saude" bem organizado e dirigido, com representantes em cada classe.

Quanto à ordem, ninguem ignora que produz maravilhas.

Os cadernos sem rabiscos, com todas as linhas utilizadas; os livros limpos sem folhas dobradas ou rasgadas; os lapis com a ponta feita, de modo a que o aluno o tenha sempre pronto para tomar um apontamento, fazer o ditado ou escrita, sem perda de tempo; a ordem na entrada e saida da sala; a obediênscia pronta e alegre ao sinal anunciando o recreio, procurando todos a sua fileira, sem gritos, nem empurrões; o hábito de falar em voz baixa para não perturbarem a ordem geral; ouvir, em silencio, quando alguem fala ou recomenda alguma cousa; tudo isso enfim, concorre para boa ordem e progresso.

Podemos ainda incluir como fazendo parte da ordem, a pontualidade que deve ser exigida com energia e sem exceção.

Quanto a outros hábitos a cultivar, como a polidez, a responsabilidade, a cooperação, etc., diariamente tem o professor oportunidade de exercitá-los. Basta que esteja sempre vigilante para corrigir uma atitude, canalizar um instinto ou desenvolver um sentimento nobre.

III — Para treino da observação, atenção e memória, numerosos são os exercicios de que póde se valer o professor. Nos testes de Binet e Simon, no Livro "Comment Diagnostiquer les Aptitudes chez les enfants", de Claparêde, no Boletim n.º 14 de Mme. Antipoff e Naitres Rezende, encontrará ele uma fonte preciosa para a realização dessa parte.

Se no mês de fevereiro nos dedicamos com especial cuidado à formação de bons hábitos, não devemos nos esquecer de que, durante todo o ano, esses hábitos devem presidir sempre o nosso trabalho.

Nesse periodo preparatório, algumas disciplinas do programa, como L. Pátria, Leitura, Aritmética, Moral, Trabalhos Manuais podem ser perfeitamente introduzidas.

O trabalho bem organizado, de acôrdo com os interêsses infantis, as lições acompanhadas de atividades variadas e úteis, trazendo as crianças sempre ocupadas; e, finalmente, a segurança do professor na execução de seu plano, conduzirão a classe a uma disciplina ideal, ficando os resultados finais plenamente assegurados.

NORDESTE

NÓBREGA DE SIQUEIRA

Cactos aquí e alí.
Chapadões ressequidos.
Calmos mandacurús,
fantasmas esquecidos
pela sêca sem fim que passou por aquí.

Um calorão profundo.
Leitos de rios que guardam bem no fundo
recordações de rios que secaram.
Em toda parte há dor, há tortura, há mágua
e há homens que sonham com imagens de água.

Aquí não quer chover. É inutil rezar...
A chuva vai chover para os lados do mar.
De longe em longe, passa uma nuvem erradia.
Risca o céu, muito azul, e prossegue viagem.
Essa nuvem também é uma nuvem-miragem.

Cactos, aquí e alí.
Chapadões ressequidos.
Calmos mandacurús,
fantasmas esquecidos
pela sêca sem fim que passou por aquí.

BANCO DE M. GERAIS S. A.

CAPITAL — RS. 10.000:000$000

RESERVAS — 1.423:433$600

Aceitam-se depósitos ás melhores taxas

Popular (até 10 contos) . . 6%
Movimento (sem limite) . . 3%
Limitada (até 50 contos) . . 5%
Prazo fixo (12 mezes) . . . 7%

Séde:

Rua Espírito Santos, 527

BELO HORIZONTE

Era uma vez...

a Revista encantadora que Vovô Felício criou para auxílio ao professor primário, apôio aos pais e delícia da criança brasileira.

O ensino da aritimética em nossasescolas

Dulcie Kanitz VIANA

E' com satisfação que constatamos que quase todo o nosso professorado já se certificou de que a aprendizagem da aritmética deixa de ser difícil e enfadonha para as crianças quando feita em situação real ligada à vida prática dos alunos.

Necessário, entretanto, se torna que em seu trabalho didático tenham as professoras bem presentes os seguintes objetivos da aritmética:

1 — Formar por meio do estudo da matéria e consequente disposição do material, certos hábitos e habilidades fundamentais como o desenvolvimento da habilidade de pensar, do hábito de raciocinar, por exemplo.

2 — Fornecer idéias, fatos, processos que a vida ordinária exige e oferece;

3) dar a interpretação das relações quantitativas que aparecem na nossa experiência, adquirindo através do método e do material o contrôle e a aplicação dos fundamentos da aritmética.

4) aparelhar o aluno com a terminologia usada: **mais, menos, vezes, maior, menor, percentagem, juros, frações, média, proporção, etc.**

A aprendizagem feita em situação real por meio de problemas que favoreçam o trabalho da inteligência e a compreensão através de situações vividas e sentidas pelas crianças com o objeto de levá-las ao fim particular da matéria — desenvolvimento do raciocínio, contribuirá ainda para mostrar qua a aritmética vale não só pelo seu lado utilitário como também pela feição social que apresenta.

Serão assim atendidos os princípios que devem existir no trabalho sôbre tudo para a aquisição de bons hábitos, firmando ou estabelecendo conexões desejadas que formadas:

a) dentro de situações reais, isto é, por meio de problemas cujos enunciados envolvem assuntos em conformidade com as atividades e interêsses dos alunos;

b) dentro de uma atmosfera inteligente, objetiva, significativa para o desejo do desenvolvimento do raciocínio;

c) dentro de uma ordem, de uma significação firme, exata, concisa

d) dentro de uma cuidadosa sequência de dificiuldades crsecentes,

facilitarão aos alunos a resolução de problemas através de uma hierarquia de hábitos, que, além da exatidão venham proporcionar ainda rapidez no trabalho concomitamente com o gôsto, a simpatia e o esfôrço para a resolução das dificuldades.

E' obvio, contudo, que o raciocinio das crianças depende forçosamente:

a) da descoberta das relações existentes no problema apresentado;

b) de saber como relacionar os dados para sua solução, isto é, o que fazer com os números propostos;

c) do domínio completo da situação ou seja, de conhecer a experiência e os termos técnicos usados no enunciado do problema.

Dados reais que representem situações familiares para os alunos são também exigidos nos enunciados:

a) porque a transferência só se faz quando há identidade de situações,

b) porque a escola só, não chega para enraigar o hábito, a vida se incumbirá de fixá-lo;

c) porque o lado quantitativo da vida, sendo melhor compreendido e satisfeito ensina o aluno a melhor se valer das circunstâncias em que se encontre;

d) porque possibilita a entrada da criança na vida;

e) porque os objetivos especiais levam ao geral, dando ao aluno uma concepção mais larga da vida;

f) porque fazem o aluno perceber o valor da aritmética na vida.

Daí serem muito vantajosos os problemas propostos pelos alunos.

Os processos usados para solucionar um problema devem, entretanto ser achados pelas próprias crianças, que seguirão assim, a marcha de seu próprio raciocínio. Só depois de ter aceito a verdadeira solução do problema ainda que obtida por via de diferentes processos é que a professora levará seus alunos à compreensão e seleção daquele que ofereça técnica mais econômica de trabalho.

Para ilustração do que acaba de ser recomendado, apresentamos aqui um problema formulado em uma de nossas classes:

"O vestido branco com que Berta receberá seu diploma será feito com 2ms. 3|4 de fazenda. O metros custa 6$800. Em quanto ficará o vestido de Berta?"

Recolhidos os trabalhos, verificou a professora que quatro processos diferentes foram usados pelos alunos para solucionar o problema:

1°. processo:

$2,\ ms\ \frac{3}{4} = 2,\ ms\ 75$

$2,\ ms\ 75$ a $6\$800 = 6\$800 \times 2,\ ms\ 75 = 18\$700$

2°. processo:

$2\ \frac{3}{4} \times 6\$800 = \frac{11}{4} \times 6\$800 = \frac{11 \times 6\$800}{4}$

$= 74\$8000 = 18\$700$

3°. processo:

$\frac{1}{4}$ de $6\$800 = 1\$700$

$\frac{3}{4}$ de $6\$800 = 1\$700 \times 3 = 5\$100$

2 ms a $6\$800 = 6\$800 \times 2$ ms $= 13\$600$

$2ms\ \frac{3}{4}$ a $6\$800 = 13\$600 + 5\$100 = 18\$700$

4°. processo:

$\frac{3}{4} = 0,\ m\ 75$

100 cms ou 1 m custam 6$800

1 cm custará $\frac{6\$800}{100} = \$068$

2 ms ou 200 cms a $068 o cm = $068 x 200 cm = 13$600

0,75 a $068 o cm = $068 x 0,75 = 5$100

2 ms $\frac{3}{4}$ a 6$800 o metro = 13$600 + 5$100 = 18$700.

E' claro que o primeiro processo foi justamente o apontado pela professora como o mais recomendado por ser o de cálculo mais rápido.

O trabalho didático da professora será ainda grandemente facilitado se o ensino da aritmética for ministrado em correlação com as demais matérias do programa.

O Banco Hypotecário e Agrícola do Estado de Minas Gerais com a abertura de mais sete novas Agências, nas praças de CATALÃO, GOVERNADOR VALADARES (antiga Figueira do Rio Dôce), GOIÂNIA, ITUITABA, MACAÉ, PATOS, PETRÓPOLIS, passa a contar com uma rêde de 48 Departamentos, distribuidos pelos Estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Goiás, bem aparelhado, portanto, para servir á sua clientela.

Trechos de um Relatório

Zarina Moret TELES,
do Grupo Escolar Afonso Pena

"Quando abordei um dos pontos do programa do 4.º ano — "Os primeiros habitantes do Brasil" — tive ensejo de realizar um trabalho cujos valores foram múltiplos, além de permitir a globalização de diversas matérias durante o 1.º semestre. Nesse período as atividades da classe estiveram estreitamente correlacionadas, sendo os meus planos estruturados de acôrdo com os interêsses infantís, sem que a preocupação de horários e divisão das disciplinas viessem perturbar as nossas atividades.

O motivo do plano que seguimos vários meses teve sua origem numa palestra que mantive com meus alunos sobre os índios, assunto que os interessou vivamente levando-os a interessantes pesquisas e conduzindo-nos a estudos mais amplos. Para não prejudicar o desenvolvimento do programa procurei correlacionar com o assunto em foco toda a matéria que com êle se relacionasse. Assim, nos foi possivel abordar vários pontos do "curriculum" acompanhados de atividades interessantes e úteis.

Eis um breve resumo do nosso trabalho.

Atividades dos alunos: — A minha classe, é constituida, em sua maioria, de alunos que possuem em casa a riqueza de uma bibliotéca que lhes fornece preciosa fonte de pesquisas. Durante muitos dias, valiosas contribuições vieram enriquecer o nosso plano: gravuras, resumos de leitura, armas e instrumentos indigenas, etc. 'A medida que surgia um novo aspecto do trabalho eu pedia aos alunos que escrevessem sobre o mesmo, consultando para isso os livros de que pudessem dispor. Para alguns assuntos foi necessário dividir a classe em grupos, favorecendo assim a troca de idéias e de material. Esses grupos se formaram de acôrdo com a preferência de seus componentes que se agrupam pela proximidade de suas residências afim de facilitar os encontros e estudos. Outros estudos, porém, foram feitos individualmente. Em classe fazia-se a verificação dos trabalhos, escolhendo-se os mais completos, apelando nessa escolha para o julgamento dos alunos.

Foi tal a abundância de material recolhido e tão variados os assuntos, que tivemos de pensar no melhor meio de colecioná-los. Surgiu então a idéia de fazermos um livro. Com esta nova direção dada ao nosso trabalho outras atividades surgiram dando à classe ricas oportunidades de se desenvolverem em redação, aritmética, desenho, trabalhos manuais, canto, não se falando dos conhecimentos geográficos e históricos que constituiam o centro principal das nossa satividades e nem das ciências naturais que foram amplamente desenvolvidas.

Não nos limitámos ao estudo isolado dos nossos aborigênes, mas por associações e comparações chegámos a estudar a vida, os costumes de outras raças e de outros povos.

Quanto a nossa literatura, ficaram conhecidos alguns escritores brasileiros que se dedicaram ao estudo dos nossos índios, sendo mais apreciado pelos alunos, José de Alencar que os fez vibrar de entusiasmo e de orgulho através de algumas páginas do "Guaraní" e "Iracema" em que êles sentiram a beleza dos sertões brasileiros e a grandiosidade da nossa flora. Composições interessantes foram feitas revelando alguns meninos grande pendor literário. "A morte de Iracema" escrita pelo aluno M. A. foi uma revelação, pela riqueza de idéias que encerra, mostrando ainda que êsse aluno havia bem assimilado as leituras que vinha fazendo.

Organizado o livro com as melho-

res composições que foram julgadas e escolhidas pelos alunos, após vários exames e discussões, alguns dêles se encarregaram de, pessoalmente, passar os originais à maquina e outros se ocuparam de outras classes. Para tal fim orgnizaram um auditório apresentando as diversas passagens do livro em cenas interessantes e bem interpretadas.

Dentre os muitos valores dêsse trabalho, salientarei os que concorreram mais decisivamente para o desenvolvimento geral da classe:

a) interêsse e gôsto pela leitura (pela consulta de numerosos livros)

b) enriquecimento de experiências (através da vida e costumes de outros povos)

d) desenvolvimento do espírito de cooperação, iniciativa, responsabilidade (pelos trabalhos em grupo, na organização do livro e do auditório)

e) apreciação pela boa música (pelos trechos clássicos que estudaram e cantaram no auditório: "O Guaraní", Ave-Maria de Gounod, Rêve d'Amour etc.)

f) sinceridade na crítica (na escôlha dos trabalhos, nos ensaios do auditório)

g) capacidade de organização (nas diversas fases do trabalho)

h) qualidade de "leaderança" (alguns alunos sem que para isso eu tenha intervido, se constituiram os cabeças de várias iniciativas sendo consultados e procurados pelos companheiros em várias situações).

i) habilidades reveladas. Muitos alunos demonstraram qualidades que até ali me eram desconhecidas. Três dentre êles se destacaram de modo especial: um revelou excelente voz, sendo escolhido para cantar o solo do Guaraní; outro demonstrou grande aptidão para o desenho e outro revelou um estilo vivo e rico através das diversas composições que apresentou.

Concluindo, devo dizer que as crianças, além dêsses valores adquiridos, se tomaram de entusiasmo e admiração pelas nossas cousas, pelos fundamentos da nossa nacionalidade que se lhes revelou através da nossa literatura, da religião e da nossa música.

Atendendo ao interêsse e às diferenças individuais, tanto quanto possivel; desenvolvendo o espírito de iniciativa e outras qualidades necessárias a alunos que estão quase a deixar a escola primária, creio ter realizado um dos objetivos da educação: o desenvolvimento harmônico das crianças que me foram confiadas.

Refrigeradores - Rádios - Lâmpadas
Válvulas - Lavadeiras eléctrias
Material elétrico

A. GOMES & CIA.

Av. Afonso Pêna, 1130 - Fone, 2-2855
BELO HORIZONTE

Bibliotéca Infantil

Bibliotéca "Ondina Brandão" anexa à Escola Infantil "Delfim Moreira"

Cordélia QUEIROGA

A Escola Infantil "Delfim Moreira", em Belo Horizonte, procura dar a seus alunos não só a educação dos sentidos, parte básica do seu programa, como também a social. Em suas atividades, jogos e brinquedos, ela quer obter um aumento de interêsse para que as crianças atinjam o máximo de desenvolvimento possível em linguagem.

E' assim que, para ampliar os seus conhecimentos nas diferentes disciplinas do programa, e melhorar o vocabulário dos pequeninos, organizei a bibliotéca "Ondina Brandão" inaugurada a 18 de Julho de 1939 e dedicada exclusivamente às crianças do curso pré-primário.

Os 80 volumes existentes, caprichosamente confeccionados pela professora Maria de Macedo, sob a minha orientação, foram classificados em quatro grupos, de acordo com o assunto tratado, a saber:

Gº I — Instrutivos
Gº II — Religiosos
Gº III — Recreativos
Gº IV — Morais e civicos

Das fichas de contrôle

Todo volume contém uma ficha de contrôle onde é assinalada, por um pequeno traço vertical, cada vez que **um menino** ou **uma menina** retira uma história.

Das fichas nominais, dos fichários e do aluno responsável

Obedecendo às listas das classes dos II e III períodos (crianças de 5 a 6 anos) foram feitas fichas nominais para os alunos.

Cada classe tem seu fichário e um aluno responsável por êle.

Dos catálagos

De acôrdo com a divisão das histórias em grupos I, II, III e IV figuram nos catálogos tres indicações: Histórias, Fichas nominais, Números.

Na coluna "Histórias" figuram as miniaturas das capas dos volumes. Na coluna "Fichas nominais" a criança coloca a sua ficha na posição correspondente à história escolhida. A coluna dos "Números" apresenta etiquetas numeradas, de acordo com os números que as histórias receberam.

Das visitas à bibliotéca

Para cada dia da semana são designadas duas classes do mesmo tipo. Uma vez introduzida a turma na sala da bibliotéca, cada crinça recebe sua ficha nominal.

Da escôlha da história

Para a escôlha da história o aluno consulta os catálogos, deixando sua ficha no lugar correspondente à história escolhida. Logo em seguida é feita a entrega da mesma.

Dos resumos datilografados

As histórias não apresentam comentários em seus diferentes quadros. Cada volume possue em sua última página, um envelope contendo um resumo datilografado para consulta da professora.

Do tempo de visita

Cada turma permanece na bibliotéca durante 30 minutos.

Decorridos quinze minutos a criança faz a marcação na ficha de contrôle. Entregando a história recebe sua ficha nominal que deposita no fichário.

Do comportamento durante a visita

Os alunos devem compreender a necessidade de se conservarem em silêncio para que não perturbem a consulta do companheiro.

Dos resultados

Os dez minutos finais são reservados para exposição, por um aluno, da história consultada. A escôlha desse aluno obedece ao critério da professora da classe em atividade.

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

A Cultura da Cana no Nordeste

Gilberto FREIRE

(Transcrição)

(Fim)

OS ENGENHOS DO SÉCULO DÉCIMOSÉTIMO QUANTO À TÉCNICA

Distanciavam-se em eficiência técnica os engenhos do século décimosétimo das engenhocas rústicas e simples em que se espremeram no Brasil as primeiras canas. Logo no começo do século, um padre espanhol que estivera no Perú, "ensinou um sistema de mais fácil fabricação de açúcar, por meio de aparelhos menos complicados. O que eram esses "aparelhos menos complicados", di-lo o verbo de Frei Vicente do Salvador. Sabe-se pela descrição desse cronista que a engrenagem constava "somente de três páus postos de por alto muito justos, dos quais o do meio com uma roda dágua, ou uma almanjarra de bois ou cavalos, se move, e faz mover os outros; passand oa cana por êles duas vezes larga todo o caldo sem ter necessidade de gongorras, nem de outra cousa mais que correr-se nas caldeiras, que são cinco em cada engenho, e leva cada uma duas pipas pouco mais ou menos de mel além de uns tachos grandes em que se põe em ponto o açucar e se deita em fôrmas de barro no tendal, de onde se levam à casa de purgar, que é muito grande, e postos em andaimes lhes lançam um bolo de barra na boca, e depois daquele, outro, com o que o açucar se purga e fica alvissimo..."

E' um engênho dêsse tipo — pois a época é a mesma — o do interessantíssimo desenho de Frans Post na obra de Gaspar Barlaeus, que o descreve no seu latim bárbaro como "mola sacchari quae vi aquarum rotatur".

O SÉCULO DECIMO OITAVO DESFAVORAVEL À INDÚSTRIA DO AÇÚCAR NO NORDESTE

Foi o século décimooitavo desfavoravel à indústria de açúcar no Nordeste. Prejudicaram-na grandes inundações: as de 1713 e 1789, referidas pelo sr. José Américo de Oliveira em livro recente sobre a Paraíba. Prejudicou-a a estreita política de taxação do govêrno português. E o açúcar das Antilhas inglesas e francesas começou a triunfar nos mercados europeus.

Mesmo assim, levantaram-se em Pernambuco, nos primeiros anos do século décimooitavo, 22 engenhos.

A política metropolitana de taxação foi a do máximo de impostos com a fixação ou limitação de preços, quando estes subiam. Os impostos eram numerosos e asfixiantes: "foros de sesmarias, pensões de engenhos, dízimos à igreja, 60 réis por arroba de açucar branco que se pezasse na Balança Real, e 30 do mascavado; 80 réis por caixa de açucar exportado e mais 40 "por feito"; e 30 réis por canada de aguardante fabricada nos engenhos e 1$600 por pipa nos despachos de exportação, e mais uma imposição geral sob o título "Subsídio literário", destinada à manutenção de escolas públicas". Esta relação de impostos dá por si mesma, e em vivo relêvo, a idéia justa de quanto se sangrava a indústria de açúcar no século décimooitavo. Não é, pois, para surpreender

GLENARVAM DE FARIA ALVIM
ADVOGADO

Causas civis, comerciais, trabalhistas e criminais.
Divisões de terras. Liquidações.

Av. Olegário Maciel, 1185 -- Fone 2-7506 - B. Horizonte -- Minas

o seu declínio, que se refletiu, aliás, em todos os aspectos da vida social do Nordeste. Com muito acêrto escrevia em 1643, o advogado Antônio Pereira, da "agricultura de canas": "é a que nesta terra há e de que depende a conservação de todos os moradores". Com a fixação de preços e a sobrecarga de impostos, desapareceram para os senhores de engenho as antigas facilidades de vida: "a agricultura de canas" tornou-se trabalho quase sem lucros.

Contra a fixação dos preços, levantou-se o claro juizo do grande economista da época: o Bispo Azeredo Coutinho. "Que utilidade seria para a Nação — pergunta o Bispo num dos seus escritos — tirar da boca do agricultor carregado de muitas e grandes despezas que consigo traz a fábrica de açúcar para meter na boca do rico e do farto que vive no meio do luxo?"

"MUITAS E GRANDES DESPESAS..."

"As muitas e grandes despesas que consigo traz a fábrica de açúcar", referidas pelo Bispo Azeredo Coutinho, relatam-nos com extremo luxo de pormenores os cronistas do século décimo-oitavo D. Frei Domingos Loreto Couto e André João Antonil. O primeiro assim pormenorisa os gastos diversí-ssimos do senhor de engenho do Nordeste no século décimooitavo: "São necessários em cada caldeira dois pretos, um para meter lenha, outro para a limpar. Para os taichos carece também de dois cada uma, um que trabalhe no mel, outro no fogo... Para o meneio de toda a fábrica são necessários 50 escravos e 60 bois mansos. Em uma safra de 1500 pães de açúcar, gastam-se 3.000 carros de lenha, levando cada carro mais de 50 arrobas de peso. Para trazer esta lenha do mato ao engenho são necessários 6 carros e 6 carroceiros e 8 escravos para cortar e carregar. Todos os anos se faz grande despesa com carpinteiros, ferreiros, pedreiros e caldeireiros, ferro cobre, sebo e azeite, decoadas e madeiras; o mestre de açúcar ganha todos os dias 640 réis, o banqueiro 320 réis. Todos os engenhos teem capela, ou suntuosa igreja, com patrimônio dos mesmos engenhos, que fizeram seus primeiros fundadores. Ao Padre capelão paga o senhor de engenho 60 arrobas de açúcar branco..." (Loreto Couto, "Desagravos do Brasil e Glorias de Pernambuco").

Antonil, na sua interessantíssima crônica, "Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas" — recentemente editada pelo sr. Afonso de E. Taunay — escreve com maior luxo de pormenores: "Toda a escravatura (que nos maiores engenhos passa o número de cento e cincoenta, e duzentas peças, contando as dos partidos), quer mantimentos, e fardas, medicamentos, enfermaria e enfermeiro; e para isso não necessárias roças de muitas mil covas de mandíoca. Querem os barcos, velames, cabos, cordas e breu. Querem as fornalhas, que por sete ou oito meses ardem de dia e de noite, muita lenha; e para isso há mister dous barcos veleiados, para se buscar nos portos, indo um atraz do outro sem parar, para a comprar; ou grandes matos, com muitos carros, e muitas juntas de boi para se trazer. Querem os canaviais também suas barcas e carros com dobradas equipações de bois. Querem enchadas e fouces. Querem as serrarias, machados, e serras. Quer a moenda de toda a casta de páus de lei de sobrecelente, e muitos quintais de aço, e de ferro. Quer a carpintaria madeiras seletas e fortes para estreios, vigas, aspas e rodas; e pelo menos os instrumentos mais usuais, a saber: serras, trados, verrumas, compaços, réguas, escopros, enchós, goivos, machados, martelos, cantins e junteiras, pregos e plainas. Quer a fábrica de açucar faróis, e caldeiras, tachos e bacias, e outros muitos instrumentos menores, todos de cobre; cujo preço passa de oito mil cruzados, ainda quando se vende, não tão caro, como nos anos presentes. São finalmente necessários além das senzalas dos escravos, e além das moradas do capelão, feitores, mestre, purgador, banqueiro, e caixeiro, uma capela decente com seus ornamentos, todo o aparelho do altar, e umas casas para o senhor de engenho com seu quarto separado para os hóspedes, que no Brasil, falto totalmente de estalagens, são contínuos; e o edifício do

engenho, forte e espaçoso, com as mais oficinas, e casa de purgar, caixaria, alambique, e outras cousas, que por miudas aqui se escusa apontá-las, e delas se falará".

UM ENGENHO NO SÉCULO DÉCIMOOITAVO

Como unidade social e econômica era um engenho no século décemooitavo uma quase cidade: e várias cidades do Nordeste de hoje desnvolveram-se de engenhos de açúcar do antigo tipo patriarcal. Já dissera no século décimonono: nêle tudo se proman, da Ordem de São Domingos, de passagem pelo Brasil, que as cousas aqui andavam trocadas, não sendo a terra República porque o era cada casa. Refere-se o Frei Vicente do Salvador.

Bastava-se a si mesmo um engenho colonial ou da primeira metade do século décimonono: nele tudo se produzia para o consumo interno, com verdadeira suficiência econômica. Produziam-se os legumes e as frutas; produzia-se o xarque; criavam-se com fartura galinhas, perús, cabras e porcos, para não falar dos dois e das vacas de leite; fazia-se manteiga; fazia-se o queijo; pilava-se a farinha, cozinhada em alguidares; fiava-se o pano; fabricavam-se velas de sebo; fabricava-se azeite; preparava-se vinho de genipapo e cajú; faziam-se doces e geléias de cajú, goiaba, araçá. Mantinha ainda o engenho o seu capelão, que oficiava aos domingos na capela e ensinava aos meninos latim e doutrina; mantinha os seus "bravi", que eram a força policial do senhor de engenho, embora às vezes ao serviço de ódios florestinos e sangrentas lutas entre senhores vizinhos e muitas vezes parentes, por questões de terra ou de honra ou de partidarismo político. Mantinha ainda o seu "bumba-meu-boi" ou o seu presepe ou pastoril.

Quanto à técnica, consistia um engenho do século décimooitavo na mesma engrenagem do descrito por Frei Vicente, naturalmente um tanto desenvolvida. Antonil, descrevedo um engenho dessa época, informa: "No espaço de vinte e quatro horas móe-se uma tarefa redonda de vinte e cinco até trinta carros de cana..." Da casa de fornalhas dá uma idéia verdadeiramente aterradora: "bocas verdadeiramente tragadoras de matos, cárcere de fogo, e fumo perpétuo, e viva imagem dos vulcões, vesúvios, etnas, e quase disse do purgatório, ou do inferno". Trabalhavam nessas fornalhas como metedores de lenha "escravos bobentos, e os que têm correntos... para purgar com suores violentos os humores gálicos"; e também escravos facinorosos "presos em compridas e grossas cadeias de ferro". Na chamada "casa dos cobres" trabalhavam o mestre de açúcar, de dia, e o banqueiro, à noite, com os caldereiros, sempre a escumar o caldo. Purificado êste e coado, ia a cozer nas tachas, passando pelas três têmperas: a têmpera de bacia, a de igualar e a de encher. Seguia-se a purgação juntamente com o mascavar o secar e encaixar.

A MARCENARIA E A CARPINTARIA NOS ANTIGOS ENGENHOS

Nos engenhos do Nordeste — na verdade de todo o Norte, pois os havia na Baía e no Maranhão semelhantes aos de Pernambuco e Paraíba — muito se desenvolveram no século décimooitavo e na primeira metade do décimonono a marcenaria e a carpintaria. De paus de lei como o jacarandá, o angelim, o pau de

COLÉGIO "SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS"
RUA PROFESSOR MORAIS, 363
Dirigido pelas Irmãs Missionarias Servas do Espírito Santo
INTERNATO, EXTERNATO E SEMI-INTERNATO
Curso Ginasial Oficializado
CURSO PRIMÁRIO, DE ADMISSÃO E NORMAL
MATRÍCULA: Durante o mez de Fevereiro, para os cursos: primário, de adaptação e normal. Na primeira quinzena de Março para o CURSO GINASIAL.

oleo, o sapucaia, o vinhático, o pau d'arco é que se faziam: o madeiramento do edifício do engenho e da "casa grande"; as engrenagens para moer as canas; os carros de boi; as canoas; as caixas para meter o açúcar; os tirantes, frechais, tesouras, pernas de asna, espigões, rodas de água. Pormenorisa Antonil: "Os eixos da moenda se fazem de sapucáia ou sapupiracari; a ponta ou cabo do eixo grande, de páu de arco ou de sapupira, os dentes dos três eixos da moenda, do rodete e da bolandeira são de messatanha. As rodas de água, de pau de arco, ou de sapupira, ou de vinhatico".

L. F. de Tollenare, viajante francês que visitou o Brasil em 1816, e conheceu de perto alguns engenhos pernambucanos, registrou nas suas "Notas Dominicais", traduzidas e divulgadas por Alfred de Carvalho, a surpreza que lhe causaram trabalhos executados na sserrarias. "As obras de carpintaria nos engenhos são de uma execução perfeita", escreveu o viajante francês. E ainda hoje se apontam cômodas, bancos, armários, que são "obras de engenho", revelando o não sei que de rústico de sua consistência e no seu ar distintamente heráldico.

REAÇÕES DE SENHORES DE ENGENHO

Em 1666 senhores de engenho peracometeram-no, prenderam-no e extremo de acometer um governador e capitão-general de Pernambuco — Jerônimo de Mendonça Furtado — quando atravessava com ajudantes de ordens a rua São Bento em Olinda; acmeteramo-no, prenderam-no e expulsaram-no da capitania, que pretendera governar com flagrante desatenção aos direitos e interêsses, não só da aristocracia de agricultores da cana, como da população em geral. Prova-o o fato de ter sido a violencia dos senhores de engenhos conjurados, celebrada com o maior dos júbilos pelos pernambucanos todos. Estava, portanto, afirmada a força política da aristocracia territorial de Pernambuco — o nervo da resistência aos holandeses.

Em 1710, estando a agricultura de canas e a indústria de açúcar sob a pressão de injustos impostos, de novo se fez sentir a "conciencia de espécie" — como diria um sociólogo moderno — dos senhores de engenho do Nordeste, ainda que, desta vez, sem sucesso. Porque o certo é que os impostos continuaram, com grande prejuizo para os interêsses da região. Sabe-se pela "Representação" da Câmara do Recife dirigida aos 19 de Julho de 1800 ao Príncipe Regente a angústia em que se aguçára a difícil situação dos agricultores de canas e fabricantes de açúcar: "a nossa agricultura, a mais contingente e dispendiosa, especialmente a do açúcar, está em pé decadente; ela é feita com escravos e animais que teem subido a um preço triplo e quádruplo, em compensação do que custavam vinte anos antes... Os lucros do nosso agricultor nunca chegam para as despezas da fábrica, compra de escravos e animais que substituam os que constantemente morrem..."

E' infelizmente ainda um romance abafado em dobras de mistério a chamada "conjuração dos Suassunas" em 1801. Julgam-na alguns ligada à política universal de Napoleão, que teria cogitado em vir fundar um império no Brasil. O que se sabe é que foi um movimento de senhores de engenho, ao qual se destacaram Francisco, Luiz Frncisco e José Francisco de Paula Cavalcanti de Albuquerque, do engenho Suassuna.

O mesmo engenho continuaria fóco da idéia de independencia do Brasil do domínio português até 1817, quandoFrancisco de Paula, figura de forte relêvo na revolução de padres e senhores de engenho que então agitou o Nordeste, foi preso e remetido para os cárceres da Baía. Alfredo de Carvalho escreve desse bravo Suassana — figura típica de senhor de engenho nordestino — que "só recobrou a liberdade pra vir morrer na terra do berço".

Aliás, a revolução de 1817 é para ser filiada, na sua significação econômica, à situação angustiosa do Nordeste, com a agricultura de canas e a indústria de açúcar sangradas por mil e um impostos. Insinua-o o sr. Oliveira Lima — o mais autorizado historiador do movimento de 1817 —

escrevendo que em 1817 "a situação economia era... instavel senão precária para a grande massa da população". Já Antonio Pereira dissera em 1643 depender no Nordeste da agricultura de canas a situação de todos os moradores; e era o que agora se verificava. Exploradas a lavoura e indústria de açúcar pela taxação escandalosamente absorvente sofria a população em massa; e o mal estar econômico naturalmente favorecia e aguçava atitudes revolucionárias. Razão te pois o sr. Vicente Licinio Cardoso ao desenvolver em interessante ensaio a tese do sr. Oliveira Lima, com relação ao aspecto econômico da revolução de 1817 e talvez em extendê-la à 1824. Porque, 1824 foi afinal um "post-scriptum", escrito mais com o sangue dos mártires que com a tinta vermelha dos pamfletários, aos ideais de 1871.

MOVIMENTOS CONTRA OS SENHORES DE ENGENHO

Sabe-se que em 1823 e 1824 foi o Recife presa de agitações demagógicas de caráter mais social que político. Os agitadores eram na quase totalidade negros e mestiços; bastos magotes de negros e mestiços", diz Alfredo de Carvalho.

Seria anunciar uma tese para a qual falta o suficiente de documentação, dizer que êsse movimento demagógico foi explosão de antagonismo étnico-social; os mestiços e pretos contra os brancos ou "caiados" principalmente os dos engenhos — dominadores da política e donos das terras.

Sabe-se que os revoltosos muito se inspiravam no exemplo de São Domingos, onde a gente de côr, na maioria escrava, havia triunfado sôbre os senhores brancos. O mulato Mandurucú chegara a apontar para o exemplo de Haiti o do seu "rei" Cristovão.

O movimento de Mandurucú foi reprimido e vencido por um batalhão de pretos, sob o comando de Agostinho Bezerra; o de Pedroso, outro mestiço, dificilmente se deixou vencer pela Junta Governativa — deslocada do Recife para o Cabo, domínio do morgado Pais Barreto e centro da fôrça da aristocracia rural do sul de Pernambuco. Mas organizada a ofensiva no Engenho Guerra, Paes Barreto poude fazer sua entrada no Recife "acompanhado de uma luzida multidão de cavaleiros, e entre mil vivas e aplausos que das ruas e varandas lhe prodigalizaram", segundo consta do "Traslado da Devassa", citado por Alfredo de Carvalho.

Também a "revolta praieira" foi em parte um movimento contra os senhores de engenho — movimento prestigiado pela política tantas vezes contrária aos verdadeiros interêsses brasileiros do segundo Imperador. Sabe-se que o presidente Chichoro da Gama moveu contra os senhores de engenho forte campanha desmoralizadora, ordenando buscas policiais nas propriedades e exercendo cabala eleitoral entre os moradores. Resistiram os senhores; e se não alcançaram vitória completa, continuaram a ser a grande força diretora da província — o que era natural, representando, como representavam, as mais antigas famílias, vinculadas à terra atravez de gerações e pelos mais fundos e sérios interêsses. A verdadeira "debácle" dessa aristocracia territorial viria em 1.888

A INTRODUÇÃO DOS ENGENHOS MOVIDOS A VAPOR

Não se pode precisar qual tenha sido o primeiro engenho movido a vapor no Nordeste. Um ofício do governador colonial Luiz do Rego Barreto, citado por Pereira da Costa, menciona "máquinas a vapor empre-

INSTITUTO DE OLHOS, OUVIDOS, NARIZ E GARGANTA

Dr. Hilton Rocha
Livre-Docente de Clin. Oftalmológica das Facs. de Medicina das Univs. do Brasil e de Minas Gerais

Dr. Pinheiro Chagas
Oto-rino-laringologista do Instituto Raul Soares e do Hospital São Francisco de Assis

Consultas Diárias das 3 ás 6 -- Edifício Cine Brasil - Salas 608 a 614 -- Telefone, 2-3171

gadas nos engenhos", o que faz remontar sua introdução no Nordeste a 1817.

Com a introdução das máquinas a vapor e também da cana de Caiena, criou ânimo a indústria do açúcar, que tanto definhara no século décimooitavo e nos primeiros quinze anos do décimonono.

Em 1836 chegou uma fundição da Rua da Aurora, segundo refere Pereira da Costa, a fabricar um serviço completo, movido a vapor, para o engenho Carauna, do Coronel Domingos de Souza Leão. Mas com os direitos de importação de 10 a 15 por cento sôbre o valor do ferro bruto, que o governo entendeu dever cobrar, morreram a fundição da rua da Aurora e outras que se haviam estabelecido, procurando corresponder às necessidades da quadra de revigoramento que começara para a indústria do açúcar.

A SITUAÇÃO DA INDÚSTRIA AÇUCAREIRA NO MEIADO DO SÉCULO DÉCIMONONO

Pouco antes de 1850, era esta a situação da indústria açucareira em Pernambuco: 642 engenhos safrejavam, sendo 1 no Poço da Panela, 7 em Afogados, 11 na Varzea, 40 em Jabotão, 44 em São Lourenço, 37 em Páu d'Alho, 5 em Itamaracá, 37 em Iguarassú, 80 em Tracunhaem, 47 em Goiana, 19 em Itambé, 53 em Ipojuca, 53 em Agua Preta, 34 em Ri oFormoso, 14 em Glória de Goitá, 26 em Bom Jardim, 6 em Brejo, 20 em Bonito, 47 em Caruarú, 29 em Altinho, 13 em Bezerros, 16 em Garanhus, 3 em Cimbres. A relação é de Pereira da Costa, de quem é também o seguinte registro da média do preço de açúcar:

1840	branco	1$702
	mascavado	1$150
1845	branco	2$456
	mascavado	1$963
1850	branco	2$456
	mascavado	1$673

Em Alagoas, segundo notas históricas que aparecem em publicação oficial do Ministério da Agricultura, "Aspectos da Economia Rural Brasileira", a produção do açúcar intensificou-se em 1835; no Ceará, chegou-se a fabricar em 1850 todo o açúcar para o consumo interno da província; no Rio Grande do Norte, a prosperidade da indústria do açúcar, sobrepujando a do algodão, ganhou relêvo em 1859, quando na província sofrejaram 156 engenhos, orçando a produção em 350.000 arrobas de açúcar, sem falar na aguardente das engenhocas.

A ÉPOCA DAS USINAS

Vários melhoramentos técnicos foram introduzidos aos engenhos de açúcar do Nordeste na segunda metade do século décimonono; e em 1884 funcionavam em Pernambuco as usinas Santo Inácio, (Cabo), Escada, Caiambuca, Bom Gosto, com uma moagem diária, cada uma de 250 mil quilos de canas. Segundo Pereira da Costa, foi êsse o resultado de cristais encontrados na análise química feita nas primeiras remessas de açúcar de usina para a Inglaterra: Bom Gosto, cristalizado, 96 por cento; Cabo, 96 por cento; Cuiambuca 98 por cento; Escada 97 por cento. Estava iniciada a época das usinas.

Nestes 25 anos do século décimonono, varias usinas teem sido fundadas em Pernambuco, Alagoas e Paraiba, que se tornaram os Estados do Norte açucareiros por excelência. No Rio Grande do Norte, onde em 1900 chegaram a funcionar 500 engenhos, o algodão e o sal veem sobrepujando o açúcar. No Ceará, onde os engenhos de açúcar chegaram a produzir o bastante para o consumo interno da província, também declinou consideravelmente a indústria açucareira, importando hoje o Ceará — segundo informação ofcial da Diretoria do Serviço de Inspecção e Fomento Agricola — " mais de 25 mil sacos de açúcar por ano".

Também no Piauí a cultura da cana e o fabrico de açúcar e aguardente, depois de terem dado o bastante para o consumo interno, declinaram à insignificância: hoje, apenas engenhocas rudimentares fabricam rapa-

História para todos

Marieta LEITE

Apresentamos hoje aos colegas mais uma tentativa no sentido de trazer á literatura das crianças e dos adolescentes um dos motivos mais ricos e formosos de que a literatura adulta muito se beneficia: a Bíblia.

Calcada na Verdade consubstanciada no livro sagrado dos cristãos, a literatura de todos os tempos tem-se impregnado de beleza, de côr e de rítmo para transmitir á humanidade fatos e emoções revelados do verdadeiro sentido da vida.

Também nós, professores, podemos pedir a essa fonte eterna de beleza motivos para produções ao alcance de inteligência e do interêsse de nossos alunos.

Manejando-a com cuidado e gôsto, alcançaremos o grande objetivo da literatura infantil: a educação através do sentimento estético.

Vejamos a riqueza de sentimento e de graça da história de José do Egito. Devidimo-la em 3 pequenos capítulos, publicando hoje apenas o primeiro.

O gôsto dos colegas saberá como melhor aproveitá-la, de acôrdo com as possibilidades e necesidades dos alunos. A título de sugestão, no entanto, podemos citar algumas aplicações de nossa historiazinha. Ela pode ser: a) lida pela professora; b) copiada e ilustrada, de modo a formar um pequeno livro; c) estudada pelas professorandas para ser contada em aulas de prática; d) lida em sessão do clube de leitura, etc. etc.

No próximo número daremos a continuação de nossa história certa de que ela será de proveito para todos.

--JOSE' DO EGITO

Capítulo I

Jacó e seus filhos

Era uma vez... uma linda terra chamada Canaan. Nesta terra vivia uma família muito feliz: Jacó, o pai, e doze filhos.

Entre os filhos havia um chamado José. José era bom e verdadeiro. Seu pai queria-lhe muito bem; fez-lhe uma túnica de várias côres, mais bonita que a roupa dos outros. Os irmãos de José invejavam-lhe a bela túnica, a bondade o grande amor que seu pai lhe tinha.

Um dia, José teve um sonho e falou assim a seus irmãos:

— "Eu sonhei que estávamos todos no campo amarrando grandes feixes. De repente, meu feixe se levantou e ficou de pé. Os feixes de meus irmãos também se levantaram e se inclinaram diante do meu feixe".

Os irmãos não gostaram do sonho de José. E disseram:

— Então tú queres dizer que vais ser nosso rei?

E se zangaram com êle.

Noutro dia, José teve outro sonho e contou:

— "Eu sonhei que o sól, a lua e onze estrêlas se inclinavam diante de mim".

Seu pai zangou-se com êle por êste sonho:

— "Então tú queres dizer que eu,

---

dura e aguardente e algumas, açúcar bruto. Existem entretanto duas pequenas usinas modernas.

Na Paraíba existem quatro usinas, e os canaviais se alastram por uma área de cêrca de 9.559 hectares. Em Alagoas existem 15 usinas, nas quais se fabricam açúcar e alcool de diversos tipos, estando neste número algunmas das melhores e mais completas fábricas de açúcar da América do Sul.

tua mãe e teus onze irmãos havemos de nos inclinar diante de ti?"

Mas Jacó continuou a querer-lhe muito bem, enquanto os irmãos o aborreciam cada vez mais.

Um dia, os irmãos foram para longe, acompanhando rebanhos. José não fôra. Mas Jacó chamou-o e lhe disse:

— Teus irmãos não foram com seus rebanhos? Também tens que ir.

— Sim, meu pai.

E José foi.

Quando os irmãos viram que êle ia chegando, disseram:

— Lá vem o sonhador!

E combinaram um meio de matá-lo para ficarem livres dêle. Depois diriam a seu pai que uma fera o tinha comido.

Mas Rubem, outro irmão, disse:

— Não o matemos. Podemos jogá-lo nesta cova, aquí no deserto, e êle que se livre, se puder.

E combinaram tudo.

Quando José chegou bem perto êles tiraram-lhe a túnica de várias côres e jogaram-no dentro da cova.

Depois foram comer o pão que tinham trazido para a merenda.

De repente, viram que vinha vindo uma porção de gente com camelos e muitas malas. Era uma caravana. A caravana atravessava o deserto e ia para longe, muito longe, para um país chamado Egito. Levava riquezas, perfumes, mirra...

Então, um dos irmãos, chamado Judá, disse:

— Nós podíamos vender José a êsses homens. Êles o levariam como escravo para o Egito. Seria bom para nós. Ficariamos livres dêle.

E assim o fizeram. Venderam José por 20 moedas de prata.

Receberam o dinheiro, ensoparam a túnica de várias côres no sangue de um carneirinho e voltaram para casa. Lá, deram a túnica a seu pi, dizendo:

— Eis o que achámos no caminho.

Jacó reconheceu a túnica de seu filho amado e pensou que uma fera o tivesse comido. Chorou e chorou a morte de José.

PECADILHOS

Diziamos, em um dos números anteriores, que o nosso pedido de desculpa por erros, enganos e aleijões estampados nas páginas de EDUCANDO, seria permanente e valeria uma vez por tôdas.

Hoje, no entanto, voltamos a expressa-las. E' que o número 8 tem muito porque ser desculpado. Assim:

à pg. 10, por ter escrito — fichas que o acompanhará — em vez de: *fichas que o acompanharão.*

à pg. 26

faz parte de todos os povos — em vez de: *faz parte do programa de ação de todos os povos;*

à pg. 28:

Imagina você — em vez de: Imagine você.

Estes, os principais. Outros existirão ainda. Por todos êles, as nossas desculpas.

Grande Concurso Permanente de "Educando" com a cooperação do Departamento Mineiro da Cia. Editora Nacional

Em todas as edições, três assinantes serão premiados

EDUCANDO, no desejo de contribuir para a formação da biblioteca particular do professor primário, acaba de instituir o seu GRANDE CONCURSO PERMANENTE, que constará do sorteio de três prêmios, de dois livros cada um, entre seus assinantes, sem nenhum onus e obrigação para êles. Basta assinar EDUCANDO e estará inscrito no nosso concurso.

Dêste modo, em todas as suas edições, EDUCANDO distribuirá seis livros, sendo três de pedagogia e três de literatura.

Para isto, conta a nossa revista com o inestimável apôio do DEPARTAMENTO MINEIRO DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL, a cargo dos srs. Roberto Costa & Cia., estabelecidos à rua São Paulo, 552 (Livraria Costa) que, demonstrando sua simpatia por nossa publicação, oferecerá os livros para sorteio do GRANDE CONCURSO PERMANENTE.

Os sorteios dos prêmios do GRANDE CONCURSO PERMANENTE de EDUCANDO serão realizados em nossa Redação, à rua Rio de Janeiro, 1278, cinco dias após cada edição da revista, e serão assistidos por todos os interessados que desejarem comparecer, por um representante do DEPARTAMENTO MINEIRO DA COMPANHIA EDITORA NACIONAL, e pelos representantes de todos os jornais locais, prèviamente convidados.

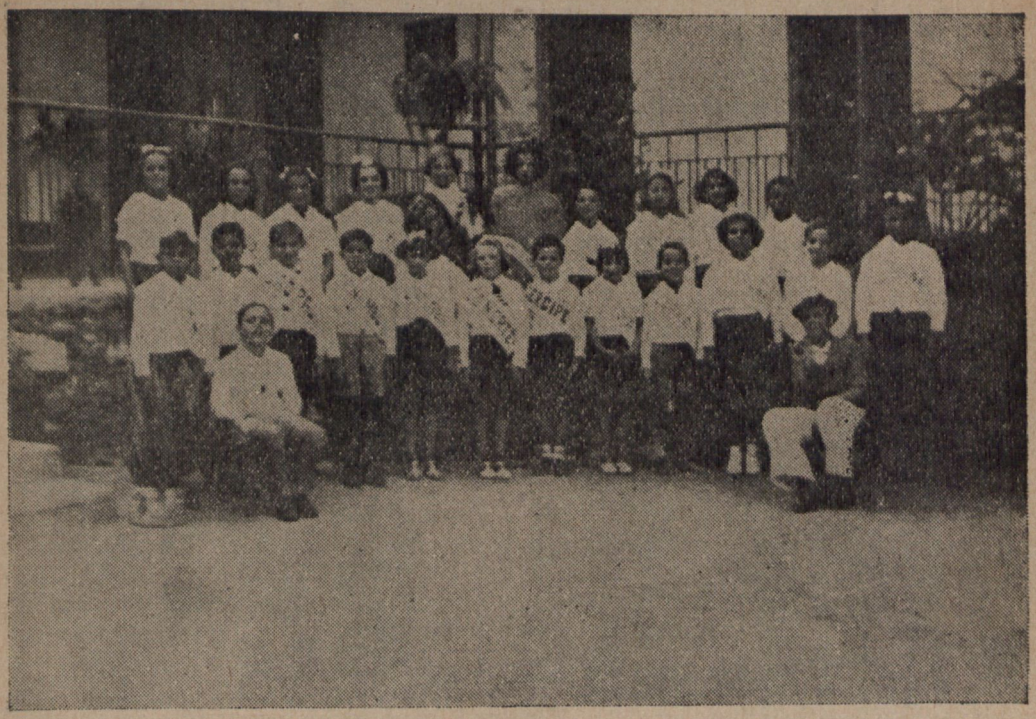
O assinante premiado uma vez não terá direito a novo sorteio até o final de sua assinatura anual. Na reforma, voltará, automaticamente, a tomar parte nos sorteios.

PREMIOS

Oferta do Departamento Mineiro da Companhia Editora Nacional

1º. PREMIO	2º. PREMIO	3º. PREMIO
PEDAGOGIA CIENTÍFICA — Por A. M. Aguayo, da Universidade de Havana. Tradução de J. B. Damasco Pena. Volume 18 de "Atualidades Pedagógica" — série 3.ª da "Biblioteca Pedagógica Brasileira", da Cia Editora Nacional.	A EDUCAÇÃO FUNCIONAL — Por Ed. Clapared, Tradução nova de J. B. Damasco Pena. Volume 4.º de "Atualidades Pedagógicas" — série 3.ª da "Bibliotéca Pedagógica Brasileira", da Companhia Editora Nacional.	EDUCAÇÃO COMPARADA — (Tendências e organizações escolares) — Por Milton C. da Silva Rodrigues. Volume 31 de "Atualidades Pedagógicas" — série 3.ª da "Biblioteca Pedagógica Brasileira", da Cia. Editora Nacional.
e	e	e
REBECCA — o romance de uma mulher inesquecivel — de Daphne Du Maurier. Tradução de Ligia Junqueira Smith e Monteiro Lobato. Edição da Cia. Editora Nacional — São Paulo.	MADAME CURIE, a biografia da descobridora do radium, por sua filha, Eva Curie. Tradução de Monteiro Lobato. Edição da Cia. Editora Nacional — São Paulo.	MEMORIAS DE UM NEGRO — auto-biografia de Booker T. Washington, um negro que soube lutar e vencer. Tradução de Graciliano Ramos. Edição da Cia. Editora Nacional — São Paulo.

Sob a inspiração de "Educando"



O nosso clichê mostra um grupo de crianças que tomaram parte na "Dramatisação da Pátria", trabalho realizado de acôrdo com a sugestão dada por Vicente Guimarães em o número 6 desta revista. As crianças são alunos do "Grupo Escolar Estevão Pinto" de Mar de Espanha proficientemente dirigida pela nossa assinante d. Rachel Marques.

COLEÇÃO 1940

Brevemente estará à venda a coleção completa dos números de EDUCANDO saído durante o ano de 1940. Assim reunidos, os números de nossa revista constituem preciosa publicação para os professores, dada a variedade e excelência de seus diversos artigos, gravuras e orientações práticas.

Em suas diversas seções o professor encontrará material para comemorações de datas cívicas, organização de auditórios e atividades extra-escolares, além de publicações firmadas por nomes de projeção na esfera educacional do Estado e do país.

O volume, encadernado e com cêrca de 340 páginas, será vendido à razão de 25$000.

Os pedidos podem ser feitos desde já.

ENDEREÇO: — RUA RIO DE JANEIRO, 1.278 — TELEFONE 2-7993 — CAIXA POSTAL — 354 — BELO HORIZONTE.

BALANÇO ANUAL DA REVISTA "EDUCANDO"

1939	RECEITA		
Outubro	Resultado do Festival em beneficio da revista .		3:354$000
1940	Assinaturas neste ano		7:097$500
Fevereiro	Anuncios do 1.º n.º da revista . .	1:648$000	
Março	Anuncios do 2.º n.º da revista . .	866$000	
Abril e Maio	Anuncios do 3.º n.º da rveista . .	894$000	
Junho	Anuncios do 4.º n.º da revista . .	519$900	
Julho	Anuncios do 5.º n.º da revista . .	644$000	
Agosto	Anuncios do 6.º n.º da revista . .	632$000	
Set. e Out.	Anuncios do 7.º n.º da revista . .	856$200	
Novembro	Anun. do 8.º numero (recebidos)	819$800	6:877$900
	Venda Avulsa durante 1940		926$500
	Doação da A. P. P. de Minas Gerais		800$000
	E. E. ou O.		19:055$900

1940	DESPESA		
Fevereiro	Registro da Revista EDUCANDO		105$000
	Despezas Gerais durante o ano		377$500
	Gratificação ao mensageiro		87$000
	Selos		129$200
	Comissão do agente de publicidade		683$300
Fevereiro	Pg. pela impres. do 1.º n.º da revista	3:500$000	
Março	Idem, idem do 2.º numero	2:500$000	
Abril e Maio	Idem, idem do 3.º numero	1:948$000	
Junho	Idem, idem do 4.º numero	1:522$000	
Julho	Idem, idem do 5.º numero	1:296$000	
Agosto	Idem, idem do 6.º numero	1:536$000	
Set. e Out.	Idem, idem do 7.º numero	1:824$500	
Novembro	Idem, idem do 8.º numero	1:152$000	15:278$500
Dezembro	Aluguel de uma sala para a redação		100$000
Dezembro	Instalação de telefone para a redação		105$000
	Depositado no B. da Lavoura c/caderneta . . .		2:190$400
			19:055$900

(a.) Zembla Soares de Pinheiro Chagas — *(a.) Visto — Marieta Leite*

OLIVEIRA, COSTA & CIA.

Av. Aff. Penna, 1050 - Tels. 2-1607 - 2-3016 - Caixa Postal, 14 - B. Horizonte

BIBLIOTECA
ARQUIVO PUBLICO MINEIRO

LIVROS NOVOS

REBECCA — Daphne du Maurier — Trad. de Ligia Junqueira Smith e Monteiro Lobato — Edição da Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1941. — A leitura de bons romances ainda é o meio preferido pelas pessoas de bom gôsto para o preenchimento de suas horas de lazer. Daí o grande successo de "Rebecca", o romance da mulher extranhamente sedutora, evocada em linhas precisas e fortes por Daphne de Maurier.

Pelo caráter "diferente" da heroina, pela beleza perturbadora do ambiente, pela atmosfera de sentimentos contraditórios e imprevistos que envolvem todo o desenrolar do drama ,a leitura de "Rebecca" empolga, fascina e faz vibrar a inteligência e o coração de todos os leitores.

*

NOÇÕES DE HISTÓRIA DAS LITERATURAS — Manuel Bandeira — Edição da Companhia Editora Nacional — São Paulo — 1940. — Crescendo de importância no conceito dos educadores modernos o valor educativo da literatura, é de se regosijar o professor pela publicação dêste livro de Manuel Bandeira. Oferecendo um "vigoroso e movimentado panorama da literatura ocidental", traz a orientação precisa sôbre obras e autores que veem influenciando no espírito e nas realizações do passado e do presente. E além de util, é literatura agradável pela erudição e estilo fluente de seu autor.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL

Rua da Baía, 1649 -- Fone 2-0151

Aceita depósitos nas seguintes contas:

Populares

Movimento

Prazo fixo

Retiradas por meio de cheques

SERVIÇO RÁPIDO E SEGURO

Garantia do Govêrno do Estado de Minas Gerais

Agências em todos os municípios mineiros

Origem: Doação
Preço: —